



## O CONHECIMENTO, AS REDES E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (COINFO) NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO CONCEITUAL

**Regina Célia Baptista Belluzzo**

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil.

E-mail: [rbelluzzo@gmail.com](mailto:rbelluzzo@gmail.com)

### Resumo

Artigo de natureza exploratória que apresenta reflexão em torno da sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem e o papel social da informação e do conhecimento em torno de novas estruturas sociais que culminam com o surgimento da “sociedade em rede”. São ressaltados os conceitos de conhecimento, redes e a importância da competência em informação para saber acessar e usar a informação de forma inteligente e propiciar a construção e compartilhamento do conhecimento por meio de relações sem restrições de espaço e tempo. Busca-se estabelecer uma relação conceitual entre o conhecimento, as redes e a competência em informação, procurando mostrar a necessidade de melhor compreensão entre essas áreas para a inovação e o desenvolvimento das pessoas e das organizações na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Redes. Competência em Informação.

### **KNOWLEDGE, NETWORKS AND RACING IN INFORMATION (CoInfo) IN CONTEMPORARY SOCIETY: A PROPOSED CONCEPTUAL RELATIONSHIP**

### **Abstract**

*Article exploratory nature that presents reflection on the information, knowledge and learning society and the social role of information and knowledge about new social structures that culminate in the emergence of the "network society". The concepts of knowledge, networks and the importance of information literacy are highlighted to learn to access and use the information wisely and foster the construction and sharing of knowledge through relationships without restrictions of space and time. It aims to establish a conceptual link between, trying to show the need for better understanding between these areas for innovation and the development of people and organizations in contemporary society.*

**Keywords:** Knowledge. Networks. Information Literacy.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma análise dos diferentes modelos de sociedade contemporânea pode ter como seu ponto de partida a individualização de dimensões tais como: tecnologia, economia, bem-estar social e valores, mediante as quais é possível compreender melhor qual a sua posição em relação a um panorama global. Essa sociedade que é muitas vezes designada como sendo da “informação”, do “conhecimento” e da “aprendizagem” (POZO, 2002), tem como característica

a existência de economia informacional, onde produtos e serviços de informação permeiam todas as esferas da vida social (CASTELLS, 1999). Desse modo, pode-se considerar que uma sociedade é baseada em economia informacional se possui uma tríade sólida: infraestrutura, produção e conhecimento (CASTELLS; HIMANEN, 2001).

Há uma nítida diferença entre a sociedade industrial e a sociedade da informação. Na sociedade industrial, a maior parte do trabalho consistiu em tarefas de rotina e isso era considerado mais um dever, sendo que o resultado dependia largamente do tempo dedicado a ele, fazendo sentido econômico mediante a criação de uma cultura de gestão orientada para o tempo e o seu controle. A sociedade da informação, no entanto, apoia-se em uma cultura criativa e o trabalho depende cada vez mais da criatividade, sendo o resultado orientado por uma cultura de gestão que abre espaço para a criatividade individual (CASTELLS; HIMANEN, 2001). Destaca-se que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) constituem, concomitantemente, produtos, processos e instrumentos de transformação da realidade. São construídas, apropriadas, utilizadas e adaptadas por pessoas e coletivos sociais a partir de suas necessidades e interesses. Assim, uma infraestrutura das redes de informação se instala, conectando diferentes âmbitos da sociedade e, em decorrência, surgem novas formas de organização e de racionalização econômica dos processos de produção e das relações de trabalho.

Ressalta-se também a opinião de Fróes Burnham (1999) nessa mesma direção ao afirmar que:

No chamado mundo global, a rapidez com que a informação e o conhecimento se disseminam traz significativas mudanças para as relações econômicas, políticas e sócio-culturais. Tal rapidez, porém, depende das condições que as tecnologias de informação e comunicação proporcionam não só ao tráfego mas também à produção, ao armazenamento, ao acesso e à recuperação dessa informação e desse conhecimento. Vista sob uma perspectiva mais pragmática, essas tecnologias dão suporte à produção de um incomensurável volume de informações, possibilitam uma enorme diversidade de alternativas para seu armazenamento e recuperação e fornecem ao fluxo da informação uma amplitude, uma intensidade e uma velocidade que não poderiam ser antecipadas sem conexão das redes informacionais em superinforvias.

Em Benkler (2006) encontramos que essas mudanças tecnológicas fizeram emergir um novo ambiente de informação, no qual as pessoas são livres para assumir um papel mais ativo daquele que existia na economia industrial do século XX. Para esse mesmo autor, o que caracteriza essa nova ambiência social em rede é a ação individual descentralizada em torno da participação dos atores sociais, redefinindo o *locus* de criação de conhecimento na sociedade.

Barreto (2001) afirma que

As configurações, que relacionam a informação com a geração de conhecimento, são as que melhor explicam a sua natureza, em termos finalistas, pois são associadas ao desenvolvimento do indivíduo e a sua liberdade de decidir sozinho. Aqui a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do homem. A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de saber do indivíduo e traz benefícios para seu desenvolvimento e para o bem-estar da sociedade em que ele vive (BARRETO, 2006).

Entretanto, vivemos momento de paradoxos do ponto de vista da aprendizagem, uma vez que existe cada vez mais a necessidade de pessoas com dificuldades para aprender aquilo que a sociedade contemporânea está exigindo. Mas, o tempo dedicado a aprender estende-se e prolonga-se cada vez mais sob os enfoques de história pessoal e social, impondo, segundo apontou Delors (1998), como a principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda a vida, fundamentada em quatro pilares, que são, concomitantemente, do conhecimento e da formação continuada.

Um conceito sobre esse novo enfoque da aprendizagem também nos é oferecido pela *Australian and New Zealand Institute for Information Literacy - ANZIIL* (2004, p. 4) como "[...] toda aprendizagem – formal e informal- ocorrida de forma intencional ou imprevista, à qual se dá a qualquer momento no decorrer da existência de uma pessoa". Em decorrência, o crescimento das demandas de aprendizagem produz a necessidade de construção do conhecimento em perspectivas cognitivas e sociais, havendo a necessidade de novas competências como atributos indispensáveis aos diferentes contextos. Nesse sentido, é preciso, portanto, formar cidadãos para uma sociedade aberta e democrática, conforme mencionou Morin (2001), a fim de terem acesso e darem sentido à informação, dotando-os de capacidades de aprendizagem que lhes possibilitem a assimilação crítica dessa informação, de modos de pensamento que lhes permitam a utilização inteligente e estratégica da informação que recebem, a fim de que possam convertê-la em conhecimento, em um saber ordenado.

Assim, entende-se que existe estreita relação entre a informação, conhecimento e a necessidade de desenvolvimento de novas competências, principalmente em uma sociedade atualmente denominada como “sociedade em rede” e, diante do exposto, o propósito deste ensaio é refletir sobre a articulação conceitual entre a informação, o conhecimento e a competência em informação a fim de se criar um espaço de diálogo e interlocução *in continuum*, o que poderá gerar, por um lado, contribuições a uma atuação profissional eficiente e eficaz nos ambientes produtivos do mundo do trabalho e, por outro lado, o desenvolvimento de uma cidadania ativa que busque o desenvolvimento do potencial criador do mesmo no contexto da sociedade contemporânea.

## **2 CONHECIMENTO, SOCIEDADE EM REDE E NOVAS COMPETÊNCIAS**

As correntes contemporâneas da sociedade do conhecimento derivam de duas grandes forças: maior interação intercultural possível por redes eletrônicas globais e um sistema econômico em que as funções do conhecimento estão relacionadas ao conceito de mercadoria. Subjacente ao novo papel do conhecimento na sociedade é, por um lado, uma explosão da informação e do conhecimento, e, por outro lado, um valor muito maior para o conhecimento que ajuda as pessoas a alcançar seus ideais.

Convém lembrar que vivemos em uma sociedade da informação que só se converte em uma verdadeira sociedade do conhecimento para alguns, aqueles que têm acesso às capacidades na sociedade da aprendizagem (POZO, 2003). Estamos em um processo de transformação estrutural há mais de duas décadas. Este processo é multidimensional, mas está associado ao surgimento de um novo paradigma tecnológico, com base em tecnologias da informação e da comunicação (TIC) que tomaram forma na década de 70 e que se encontram difundidas de forma desigual em todo o mundo.

Disponibilizar e tornar acessível a informação não é suficiente para que se caracterize a sociedade da aprendizagem, pois, conforme mencionou Assmann (2000, p. 9) “o mais importante é o desencadeamento de um vasto e continuado processo de aprendizagem”, que depende de um pensamento reflexivo e ético, resultado da mudança na consciência humana que o conhecimento gerado pela informação promove.

A explosão da informação implica a utilização de sistemas que exigem novas competências para acesso, organização e recuperação de informações (EISENBERG; LOWE; SPITZER 2004). Além disso, uma vez que o conhecimento é cada vez mais coletivo, é necessário aprender habilidades de colaboração e dedicar mais tempo trabalhando em equipes (BROWN; DUGUID, 2000).

Ao se analisar a sociedade contemporânea, insere-se o autor Pierre Lévy (2010) ao mencionar que vivenciamos uma economia baseada na gestão do conhecimento, o que, certamente, supõe que as pessoas possam ser criativas e responsáveis, devendo ser preparadas e educadas para tanto. Para ele todos devem ter formação crítica a fim de poder compreender qual informação possui fonte confiável e fidedigna, serem capazes de encontrar a informação que desejam e, ao mesmo tempo, produzirem informação para ser consumida, interpretada e criticada por outras pessoas, enquanto um movimento de troca, colaboração e complementação do conhecimento. É o elemento humano que traz a agregação de valor necessária à informação e ao conhecimento, uma vez que:

Em princípio, as atividades de produção de bens e serviços deveriam ter por objetivo o enriquecimento do humano [...] por exemplo: aumentar as competências dos indivíduos e grupos, promover a sociabilidade e o reconhecimento recíproco, proporcionar as ferramentas de autonomia, criar a diversidade, etc.[...] é como se o humano, em toda a sua extensão e variedade, voltasse a se tornar matéria-prima (LÉVY, 1998,p.41-44).

Para Castells (2000) a informação é fundamental para conduzir a criação do conhecimento e atender às necessidades das pessoas e das organizações visando a uma melhor qualidade de vida. Além disso, esse autor destacou também que o conhecimento pode ser considerado como sendo um conjunto de declarações organizadas sobre fatos e ideias e que apresenta um julgamento ponderado ou resultado experimental transmitido a outros por intermédio de algum meio de comunicação. Portanto, informação e conhecimento são as principais fontes de produtividade e competitividade na sociedade contemporânea e esta depende basicamente da capacidade de gerar, processar e aplicar com efetividade a informação baseada no conhecimento.

Existe certa similaridade entre a informação e o conhecimento, uma espécie de diálogo que perpassa pelo simples dado bruto – representação de fatos, textos, sinais etc.- e que se transforma em informação quando contextualizado, assimilado e processado para utilização. A informação, após sua análise e avaliação em relação à relevância, pertinência e confiabilidade, é, ou não, apropriada pela experiência do sujeito ou grupo, podendo-se, então, falar em conhecimento. Por sua vez, ocorre o aprendizado quando o conhecimento se modifica a partir da interação com o ambiente (MORESI, 2000).

A velocidade com que a informação e o conhecimento são gerados e circulam em escala universal na chamada era digital, caracterizada pelas TIC e pela convergência de mídias, potencializa a importância dos talentos humanos e da gestão de competências. A questão central não diz respeito somente ao acesso à informação, mas sim qual o seu uso e significado. Assim, por que precisamos de instrumentos para acessar e usar a informação com sentido e significado e, a partir daí, estar criando conhecimento novo? A questão não é simplesmente ter acesso ao conhecimento, fato ou fenômeno, mas principalmente entendê-lo.

O sucesso na sociedade da informação está na oferta de igualdade de oportunidades rumo à sociedade do conhecimento, eventualmente, com uma visão inclusiva e educação de alta qualidade. Nessas sociedades, onde a aprendizagem continua ao longo de nossas vidas, a educação não deve apenas distribuir informação, mas também, construir a autoconfiança e habilidades sociais, bem como ajudar as pessoas a se realizar através da identificação de seus

talentos e ideias criativas. Além disso, o desafio da aprendizagem ao longo da vida na sociedade da informação exige que as pessoas aprendam a serem capazes de identificar problemas, gerar ideias, aplicar a capacidade crítica, resolver problemas e trabalhar em conjunto com outras pessoas.

Por sua vez, do ponto de vista teórico, os conceitos-chave incluem nesse cenário uma nova forma de organização e crescimento destacando que é baseada em inovações. Vários estudos têm mostrado que, durante os últimos anos, o crescimento tem sido cada vez mais gerado pelas inovações tecnológicas combinadas com as formas de organização em rede (SICHEL, 1997; JORGENSON; YIP, 2000; CASTELLS, 2001). Redes que, ao longo da história, apresentam uma grande vantagem e um grande problema *vis-à-vis* outras formas de organização social. Por um lado, são as formas de organização mais adaptáveis e flexíveis, enquanto ainda são estruturas sociais capazes de coordenar tudo isso em atividade descentralizada com propósito comum de tomada de decisão. Surge uma nova sociedade quando e se uma transformação estrutural puder ser observada nas relações de produção, de poder e de experiência. Essas transformações conduzem a uma modificação também substancial das formas sociais de espaço e tempo e ao aparecimento de uma nova cultura.

As estruturas sociais emergentes nos domínios da atividade e da experiência humana levam a uma conclusão abrangente: como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era digital estão cada vez mais organizados em tomo de redes. Redes constituem, portanto, uma nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. Assim, pode-se dizer que a sociedade em rede se manifesta em muitas formas diferentes, de acordo com as trajetórias históricas, culturais e institucionais de cada sociedade.

## 2.1 A sociedade em rede

Inicia-se com a contribuição de Castells (2005) que mencionou que as tecnologias de informação aliadas às ferramentas de comunicação permitiram a integração do mundo em redes globais, através da aplicação e utilização de recursos tecnológicos e conhecimento para a transformação social e constituição da Sociedade da Informação. Esse autor defende modelo de sociedade – que denominou de sociedade em rede – considerando que reflete a integração de ações apoiadas pelas TIC e favorecidas pela constituição de redes de conhecimento que potencializam e aumentam o poder de reação em cadeia no contexto de uma economia informacional que é uma das características da sociedade contemporânea.

A sociedade em rede, em termos mais simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas pelas TIC com base na microeletrônica e redes de computadores digitais que permitem gerar, processar e distribuir informação sobre os fundamentos do conhecimento acumulado na forma de nós. A rede é uma estrutura formal. É um sistema de nós interconectados. Os nós são, formalmente, os pontos onde intersecta a curva de si. As redes são estruturas abertas que evoluem por adição ou remoção de nós de acordo com as novas exigências dos programas que atribuem metas de desempenho para as redes (MONGE; CONTRACTOR, 2004).

A metáfora de rede considera o conhecimento como uma construção decorrente das interações do homem com o meio. À medida que o homem interage com o contexto e com os objetos aí existentes, ele atua sobre esses objetos, retira informações que lhe são significativas, identifica estes objetos e os incorpora à sua rede, transformando o meio e sendo transformado por ele (ALMEIDA, 2008).

De acordo com Fagundes; Sato; Maçada (1999) na rede, aprender é descobrir significados, elaborar novas sínteses e criar elos (nós e ligações) entre parte e todo, unidade e diversidade, razão e emoção, individual e global, advindos da investigação sobre dúvidas temporárias, cuja compreensão leva ao levantamento de certezas provisórias, ou a novos questionamentos relacionados com a realidade.

As redes são amplamente entendidas como uma combinação de pessoas ou organizações, geralmente dispersas por uma série geograficamente separada de locais apropriados com tecnologia de comunicação (CLARK, 1998). Entretanto, começam as investigações sobre o valor de modelos de rede como um meio para alterar as ações dos setores público e privado para apoiar mais o desenvolvimento sustentável. Isso porque as redes enfatizam a criação de valor conjunto de todos os seus membros, movendo-se para além do compartilhamento de informações, ou seja, para a agregação e criação de novos conhecimentos. Ainda, reforçam a capacidade de pesquisa e de comunicações envolvendo todos os membros da rede. Uma premissa subjacente de uma rede é que o todo é maior do que a soma das partes. No entanto, uma vantagem significativa de participantes em uma rede de conhecimento é que cada uma das peças torna-se mais fortalecida. E, finalmente, as redes permitem a identificação e implementação de estratégias para envolver aqueles que tomam decisões mais diretamente, efetuando sua articulação aos processos mais apropriados, e, em decorrência, criando-se as políticas e práticas de construção de conhecimento (CREECH; WILLARD, 2001).

Alguns fatores podem ser considerados potencializadores de redes na opinião de Cross e Thomas (2009) e que são adaptados e sintetizados no Quadro 1.

**Quadro 1** – As Dimensões Mutáveis da Rede

Fatores Potencializadores	Visão tradicional	Visão atual
As opiniões corretas estão influenciando a rede?	O líder é o responsável pela tomada de decisão e o definidor da direção final e a equipe proporciona a estrutura.	A tomada de decisão e a definição da direção influenciam as mudanças baseadas nas competências.
A rede está conectada apropriadamente e relações externas importantes ocorreram?	As redes de informações e tomada de decisão estão conectadas em excesso ou são hierárquicas e a conectividade externa não é enfatizada.	As redes de informações e a tomada de decisões estão focadas no arquétipo de sucesso baseado no ponto do processo.
As colaborações de valor agregado estão acontecendo na rede?	O foco principal está sobre as interações de informações e tomada de decisões.	O foco está sobre as interações de valor agregado em termos tanto de desempenho quanto de envolvimento dos membros da rede.
As qualidades subjacentes das relações em rede produzem colaboração eficaz?	O foco está na comunicação por meio de compromisso conjunto em termos de objetivos, confiança baseada na boa vontade e processo de harmonia da rede.	O foco é expandido, considerando-se a consciência da competência, a acessibilidade em tempo hábil, a confiança baseada na capacidade e execução dos compromissos assumidos em rede.
O contexto apoia a colaboração eficaz na rede?	A ênfase está nas estruturas de divulgação de informações, no <i>feedback</i> do desempenho, nas tecnologias colaborativas e na afiliação flexível.	A ênfase está na dinâmica positiva da rede, apoiada pela consistente exposição significativa à competência de todos, às tecnologias

		colaborativas e no fluxo de trabalho flexível.
--	--	--

Fonte: Adaptado de Cross e Thomas (2009, p. 144).

Essa é a nova estrutura social da era da informação, denominada por Castells (2001) de sociedade em rede porque é constituída de redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura da virtualidade nos fluxos globais os quais, por sua vez, transcendem o tempo e o espaço. Nem todas as dimensões e instituições da sociedade seguem a lógica da sociedade em rede, do mesmo modo que as sociedades industriais abrigaram por longo tempo muitas formas pré-industriais da existência humana. Mas todas as sociedades da Era da Informação são, sem dúvida, penetradas com diferente intensidade pela lógica difusa da sociedade em rede, cuja expansão dinâmica aos poucos absorve e supera as formas sociais preexistentes.

Para esse autor, a sociedade em rede, como qualquer outra estrutura social, não deixa de ter contradições, conflitos sociais e desafios de formas alternativas de organização social. Além disso, o contexto em que estamos inseridos desencadeia uma série de mudanças na rotina das pessoas, e uma delas evidencia as redes como ponto de convergência da informação e do conhecimento, o que traz novas exigências de competências. Além disso, vale lembrar que ao longo do tempo, percebemos que refletir sobre competências é também refletir sobre os processos de trabalho. É o conhecimento sobre esses processos e as dinâmicas organizacionais que permite a definição dessas novas competências como uma necessidade para o trabalho, alinhando a capacitação com os objetivos estratégicos das organizações na sociedade contemporânea.

Mas, estamos falando de competências e precisamos compreender algumas concepções a seu respeito. Assim, no campo da sociologia do trabalho e da educação, particularmente na Europa, a competência é vista como a capacidade de mobilizar recursos cognitivos (saberes, informações etc.) ou de combinar conhecimentos e experiências para solucionar situações diversas e complexas.

Deluiz afirma que, na literatura corrente, a noção de competência é vista, em termos gerais, como a capacidade de articular e mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes, colocando-os em ação para resolver problemas e enfrentar situações de imprevisibilidade em dada situação concreta de trabalho e em determinado contexto cultural (DELUIZ, 1996). É importante lembrar que as competências também envolvem aplicação de conhecimentos, habilidades e atitudes em situações rotineiras e previsíveis no trabalho, que continuam a existir. Ainda, quando a formação é orientada não somente com base nos perfis de competências identificados previamente, mas também organiza processos de ensino e aprendizagem orientados à geração do saber, do saber fazer e do saber ser, e de sua mobilização para enfrentar situações novas, então se estará diante de um processo de formação baseado em competências (VARGAS; CASANOVA; MONTANARO, 2001, p. 69).

Por outro lado, a utilização de TIC como recursos inovadores e as questões que envolvem o acesso e uso da informação de forma inteligente visando à construção de conhecimento e sua aplicabilidade aos diferentes contextos e realidades brasileiras, vem exigindo o desenvolvimento de novas habilidades e provocando mudanças nos perfis tradicionais. Como resposta à globalização da economia e consequentes transformações mercadológicas e sociais, impõe-se, cada vez mais, um profissional atuante, com capacidade de oferecer produtos e serviços de informação para esse novo mercado de trabalho. Ressalta-se que, embora as mudanças na força e no mercado de trabalho sejam estruturais e estejam ligadas à evolução, na sociedade em rede, as mudanças no papel dos atores sociais dependem de sua prática e da sua capacidade de situar os interesses das nas novas formas de produção e gestão. Isso requer o desenvolvimento que vão além das competências interpessoais, afetivas

e sociais (POZO; POSTIGO, 2000), implicando em uma tipologia específica de tipos de capacidades e habilidades para uma gestão metacognitiva do conhecimento – a Competência em Informação.

## 2.2 Competência em Informação (CoInfo)

O ponto central do desenvolvimento de competências na sociedade contemporânea e, principalmente no contexto organizacional, não é mais somente o acesso à informação, mas o que se fazer com o uso da informação.

Neste sentido é que a Competência em Informação (CoInFo) deve ser observada como um aspecto relevante no contexto social, que advém de duas dimensões:

[...] a primeira, um domínio de saberes e de habilidades de diversas naturezas que permite a intervenção prática na realidade, e a segunda, uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem e caracterizam o atual contexto social (BELLUZZO, 2007, p. 34).

A CoInfo é caracterizada por uma multiplicidade de interesses, abordagens de pesquisa e princípios teóricos. Isto pode ser visto como um sinal de forte desenvolvimento do campo em âmbito internacional (SUNDIN, 2011), mas também dá origem a certos desafios para a concepção, bem como para a leitura e compreensão de estudos empíricos centrados nessa temática.

Sua origem é reportada ao aparecimento da expressão “*information literacy*” que surgiu pela primeira vez na literatura em 1974 em relatório intitulado *The information service environment relationships and priorities*, de autoria do bibliotecário americano Paul Zurkowski” (DUDZIAK, 2003, p. 24). A competência em informação se associou ao conceito de uso eficaz da informação a partir de ambiente laboral, possivelmente empresarial, e, mais especificamente, com a resolução de problemas (BAWDEN, 2002, p. 376). O termo *information literacy* vem sendo traduzido ao longo do tempo de diversos modos como, por exemplo, alfabetização informacional, competência informacional, competência em informação, letramento informacional entre outros e, por isso, a definição do termo ainda traz consigo inúmeras discussões na literatura especializada, tanto nacional quanto internacional. Desse modo, encontra-se que:

Muitos são os termos e as expressões utilizados para traduzir o termo original – Information Literacy. Na Espanha, por exemplo, usa-se frequentemente ‘Alfabetização Informacional’ – ALFIN – (MARZAL; PRADO, 2007; TIRADO, 2010) e, em Portugal, ‘Literacia da Informação’ (SILVA; MARCIAL; MARTINS, 2007; TIRADO, 2010). No Brasil, foram publicados vários artigos e pesquisas, a partir de 2000, que utilizaram expressões como ‘Information Literacy’, ‘letramento informacional’, ‘alfabetização informacional’, ‘habilidade informacional’ e ‘competência informacional’ para se referir, em geral, à mesma ideia ou grupo de ideias (GASQUE, 2010, p. 83).

A opção em torno do termo mais adequado para figurar como a tradução do termo em inglês é para “Competência em Informação” por ser também reconhecido e por não apresentar adjetivações do ponto de vista semântico. Além disso, salienta-se que, recentemente, conta-se com a indicação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) na publicação de autoria de Horton Júnior (2013), que definiu



como sendo essa terminologia a mais indicada para representar a tradução do termo para o português do Brasil, inserindo essa expressão oficialmente em seu logo de representação dos diferentes países envolvidos com essa temática.

Uma síntese da evolução dos estudos e a consolidação dessa temática são apresentadas a partir de Dudziak (2003):

- Década de 70

Caracterizada pelo surgimento da expressão *information literacy*, sendo que o seu conceito estava relacionado a habilidades e conhecimentos voltados à informação para resolução de problemas e tomada de decisões. “Não se tratava de buscar a informação, tratava-se de fazer o uso dela para tomar decisões e resolver problemas” (DUDZIAK, 2003, p. 24). Em 1976, o conceito de *information literacy* ressurgiu de modo mais abrangente, relacionado a uma série de habilidades e conhecimentos que incluíam agora a localização e uso da informação para a resolução de problemas e tomadas de decisão (DUDZIAK, 2003). Neste mesmo ano, o conceito de cidadania é acrescentado à ColnFo, compreendendo-a não mais como uma mera aquisição de habilidades: “[...] cidadãos competentes no uso da informação teriam melhores condições de tomar decisões relativas à sua responsabilidade social” (CAMPELLO, 2003, p. 30).

Assim, a *Information Literacy* nos anos de 1970, foi edificada a partir do crescimento informacional que surgiu com a implementação da tecnologia e de suas formas de disponibilização e acesso, além do reconhecimento de que a informação é elemento imprescindível à sociedade, daí a necessidade de habilidades, ou melhor, de competências para fazer o uso eficiente das informações na resolução de problemas.

- Década de 80

Volta-se para caracterizar como fator marcante o constante desenvolvimento das novas tecnologias de informação, o que alterou o modo como a informação era tratada, organizada e acessada. Nesta década, estudos começaram a ser desenvolvidos enfocando a *information literacy* voltada para o uso da tecnologia, mais especificamente dos sistemas de informação, o que fez com que essa concepção com sentido de capacitação em tecnologia da informação fosse socializado (DUDZIAK, 2003, p. 25). Em decorrência, habilidades e conhecimentos ligados à tecnologia da informação precisavam ser aprendidos e a ColnFo passou a ser implantada nas escolas secundárias para a capacitação do ambiente escolar. Dudziak (2001, p. 26) explica que “[...] admitia-se a necessidade dessa capacitação, porém, não havia ainda programas educacionais estruturados”.

A ColnFo passa a corresponder a um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos e atitudes, sendo que o seu conceito se expandiu da simples descrição de habilidades de localização, para a definição de habilidades intelectuais superiores que abrangem a compreensão e a avaliação da informação, demandando uma série de atitudes vinculadas à pesquisa como a relevância, a eficácia e a eficiência, o pensamento crítico e o pensamento criativo, num contexto abrangente que extrapola a biblioteca, definindo dessa forma o trinômio conhecimentos, habilidades e atitudes (DUDZIAK, 2001). Em decorrência, essa competência passou a ser reconhecida como fator de importância ao contexto da Sociedade da Informação e para a Educação.

- Década de 90

Surge a definição da *American Library Association* (ALA) para a *information literacy* que foi largamente difundida e aceita. Muitos programas educacionais com esse enfoque começaram a ser implementados, tendo como ponto de partida as bibliotecas universitárias, conforme mencionado por Dudziak (2003, p.28), ganhando “[...] dimensões universais, disseminando-se nos vários continentes, havendo uma busca constante pela elucidação do conceito, procurando torná-la acessível a um número cada vez maior de pessoas”. É possível

inferir, que a busca pelo desenvolvimento de habilidades pode ser introduzida em qualquer grupo de pessoas que almeje aprimorar sua competência sob a ótica de um processo de reflexão e pensamento crítico das informações que ele precisa e que lhe são repassadas.

Portanto, desde a década de 1990 e até os dias atuais, observa-se a existência de vários estudos buscando compreender a ColnFo como um processo educativo informacional, por meio de ponderações e análises sobre o assunto, a definição clara do conceito, além da criação de diretrizes e parâmetros que contribuam para a competência das pessoas.

Em 2000, a UNESCO instituiu o programa intergovernamental *The Information for All Programme* (IFAP) com a intenção de criar novas oportunidades de acesso à informação em nível mundial. Nesse sentido, nos últimos anos, diversos encontros vêm sendo realizados para a divulgação e exposição de trabalhos que estão sendo desenvolvidos sobre a ColnFo. Como resultado desses eventos, tem havido inúmeras reflexões e discussões entre os participantes que se concretizam em declarações e manifestos, tais como: Praga (2003), Alexandria (2005), Ljubjana (2006), Toledo (2006), Lima (2009), Paramillo (2010), Murcia (2010), Maceió (2011), Havana (2012), Fez (2011), Florianópolis (2013) e, recentemente, a Carta de Marília (2014) esta última como resultado do “III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências” que evidencia a emergência e a importância da ColnFo para o Brasil nos últimos anos, o que indica fortemente a necessidade de compartilhamento de experimentações e vivências aplicáveis à realidade brasileira para o enfrentamento de desafios que exigem e implicam na redução das iniquidades sociais e desigualdades regionais no que diz respeito às políticas de acesso e uso da informação para o exercício da cidadania e o aprendizado ao longo da vida.

Alguns conceitos podem ser destacados para melhor compreensão da ColnFo, destacando-se que a *American Library Association* (ALA) é responsável por um dos primeiros conceitos, segundo o qual para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação (ALA, 1989). Essa competência está relacionada a um “[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida” (DUDZIAK, 2003, p.28).

Hatschbach (2002, p. 95) oferece também um resumo mencionando que é uma área de estudos e de práticas que trata das habilidades acerca do uso da informação em relação à sua busca, localização, avaliação e divulgação, integrando a utilização de novas tecnologias e a capacidade de resolução de problemas de informação.

Para Bruce (2003) ao tratar das diferentes concepções da ColnFo,

[...] normalmente se entende a competência em informação como um conjunto de atitudes para localizar, manipular e utilizar a informação de forma eficaz para uma grande variedade de finalidades. Como tal, se trata de uma “habilidade genérica” muito importante que permite a pessoas confrontar com eficácia a tomada de decisão, a solução de problemas ou a investigação. Também lhes permitem responsabilizar-se pela sua própria formação e aprendizagem ao longo da vida e nas áreas de seu interesse pessoal ou profissional (BRUCE, 2003 p. 289).

De modo particular, um conceito pode ser oferecido como uma contribuição às reflexões sobre sua compreensão:

A competência em informação constitui-se em processo contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da informação e

de sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida (BELLUZZO, 2005, p. 38).

Ressalta-se, assim, que estes elementos propiciam ao indivíduo a construção de novos conhecimentos e podem ser aplicáveis ao cotidiano das pessoas, não se restringindo assim a um contexto determinado o que denota que essa competência pode ser abordada em vários campos do conhecimento e em ambientes de redes.

A ColInfo, mobilizada em situações de trabalho, pode ser vista como um dos requisitos do perfil profissional necessário para trabalhar com a informação, não importando o tipo de profissional ou de atividade, sendo desejável que fizesse parte do rol de competências dos mais variados profissionais, atividades e organizações (BELLUZZO; FERES, 2013). Essa competência tem um papel estratégico no âmbito organizacional que não acontece pela própria informação, mas sim pelo seu conteúdo estratégico. Esse conteúdo não se manifesta diretamente porque é apenas o objeto de um processo que necessita da mediação humana, mas porque implica no uso de recursos intelectuais como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio, organizados ao redor de metodologias que têm como objetivo a identificação dos conteúdos estratégicos. Daí é que se deriva a importância de se mapear a CI nas organizações e, a partir desse mapeamento, implantar programas de desenvolvimento nessa área para auxiliar na busca da vantagem competitiva pelas organizações.

Além disso, pode-se ressaltar que:

Relacionada à cidadania, a competência em informação vai muito além da busca, organização e uso das informações, pois significa saber o porquê do uso de determinada informação, considerando implicações ideológicas, políticas e ambientais. Observa-se uma ligação inerente ao desenvolvimento sustentável e suas dimensões de sustentabilidade social, cultural, ecológica e econômica. (DUDZIAK, 2008, p. 47).

Por outro lado, existem aspectos que estão intimamente relacionados com o desenvolvimento de Programas de Competência em Informação e que não se pode deixar de citar - são os modelos, os padrões e indicadores de *performance* que são até hoje parâmetros para muitos países.

Ressalte-se que esses modelos foram elaborados por profissionais da informação e educadores a fim de ajudar no entendimento e no desenvolvimento da competência em informação, com vistas a solucionar os problemas relacionados à “explosão informacional”. Eles surgiram para o desenvolvimento das habilidades requeridas, na maioria direcionada às escolas e universidades. Assim, pode-se dizer que os modelos representam de maneira simplificada e funcional aspectos fundamentais de um processo, com vistas a uma melhor interpretação deste ou à previsão de sua evolução, tomando como base as certas variáveis observadas experimentalmente (VITORINO; PIANTOLA, 2011).

Quanto aos padrões, podem ser considerados como um conjunto de dimensões, concepções ou variáveis aprovadas por um organismo reconhecido que provê, pelo uso comum e repetitivo, regras, diretrizes ou características de produtos, processos ou serviços, cuja obediência não é obrigatória; ou, ainda, um conceito, norma, princípio estabelecido por acordo, por uma autoridade, costume, e geralmente usado como um exemplo modelo para comparar medir a qualidade o desempenho de uma prática ou procedimento. Por sua vez, os indicadores correspondem às variáveis mensuráveis usadas como representação de um padrão ou fator de quantidade. Como exemplo de padrões básicos destacam-se aqueles originados

pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e divulgados por Lau (2004) que consistem no seguinte:

- **Acesso à Informação** – compreende o reconhecimento da *necessidade de informação* (Definição do assunto, decisão do foco/objeto, definição da informação, início do processo de busca nas fontes) e a *localização da informação* (Identificação e seleção de fontes, desenvolvimento de estratégias de busca, acesso às fontes selecionadas e seleção da informação obtida).
- **Avaliação da informação** - abrange a *avaliação crítica da informação e das suas fontes* (Leitura, análise, seleção e interpretação da informação relevante, comparação do novo conhecimento com o conhecimento anterior para determinar o valor agregado, contradições ou outra característica da informação) e a *organização da informação* (Arranjo e organização da informação utilizando esquemas ou estruturas diversas).
- **Uso da informação** - diz respeito à *Utilização efetiva da informação para alcançar um objetivo/resultado* (Descoberta de novos meios de comunicar, apresentar e usar a informação, aprendizado/ internalização da informação como um conhecimento pessoal, *design* de uma arquitetura da aplicabilidade para a informação/conhecimento novo e apresentação do produto final obtido) e *Comunicação e uso ético e legal da informação* (Compreensão do uso ético da informação, respeito às questões de ordem legal no uso da informação e utilização de forma e estilos apropriados).

Em síntese, pode-se dizer que existem inter-relações de âmbito teórico e prático no que diz respeito aos desafios que o conhecimento, as redes como novas estruturas sociais e a competência em informação como um novo enfoque de aprendizado têm apresentado e que se devem principalmente às oportunidades que os processos que envolvem essas áreas e temáticas oferecem às pessoas e as organizações na sociedade contemporânea. Assim, essas áreas aparecem em cenário de complexidade e múltiplas interações como o despertar para a necessidade visceral de transformação total e irrestrita das organizações a partir das pessoas que as compõem e de como acessam e usam a informação, criam e compartilham seus conhecimentos.

Muitos são os motivos para se investir em informação e conhecimento na sociedade estruturada e conectada por meio de redes. Em outras palavras, como bem afirmou Sveiby (1998), a gestão do conhecimento se apoia nas pessoas, de forma direta ou indireta. São as pessoas que fazem as organizações, o diferencial para a competitividade e, assim também, um processo intencional, sistemático e integrado que se apoia nas redes humanas e que têm a competência em informação emergindo em importância nesse cenário. Isso acaba por tecer inúmeras oportunidades e resultados que trazem consigo agregação de valor nos ambientes caracterizados por multiculturalidade e complexidade, como o que se vivencia no mundo em que estamos vivendo. Sob esse enfoque, o conhecimento é visto como um ativo intangível da empresa, daí poder se concluir que, cada vez mais, as organizações e as pessoas competirão entre si e se diferenciarão com base naquilo que sabem, e nos conhecimentos que promovem e compartilham.

No entanto, ainda não se pode dizer que essas áreas e temáticas estão sendo inseridas nas agendas e em políticas públicas que envolvem a sua adoção como fatores estratégicos de desenvolvimento social e inovação no Brasil. Esse é um dos grandes desafios a enfrentar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a sociedade da informação e do conhecimento constitui uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. Destacar a função social da informação e do conhecimento é importante para não se efetuar uma análise ingênua, pois

ambos significam poder. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas de hoje. Entretanto, mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e a manipulação de dados, muito mais do que a generalização da oportunidade de criação de conhecimento. Portanto, Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e este na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie (GADOTTI, 2006).

Como consequência da multiplicação informativa, bem como de mudanças culturais mais profundas, experimentamos uma crescente incerteza intelectual e pessoal. Não existem mais saberes ou pontos de vista absolutos que se devam assumir como futuros cidadãos; a verdade é coisa do passado, mais que do presente ou do futuro, um conceito que faz parte de nossa tradição cultural (POZO, 2003). Vivemos na era da incerteza (MORIN, 2001), na qual, mais do que aprender verdades estabelecidas e indiscutíveis, é necessário aprender a conviver com a diversidade de perspectivas, com a relatividade das teorias, com a existência de múltiplas interpretações de toda informação, para construir, a partir delas, o próprio juízo ou ponto de vista.

A sociedade contemporânea, com todos seus imperativos e atributos, deixa de modo bastante evidente que é preciso investir nos recursos de informação e conhecimento com seriedade e empenho a partir de um processo sistematizado de identificação, maximização e codificação dos conhecimentos estrategicamente relevantes, sejam eles os conhecimentos pessoais, tácitos, ou os conhecimentos codificados, explícitos. O conhecimento, como veículo de formação, e neste contexto, configura-se de dupla forma: como competências e como formação integral das pessoas, o que se reconfigura na sociedade em rede, dadas as transformações na natureza do trabalho, das questões de cidadania e das afirmações sem precedentes das identidades individuais e grupais.

Os desafios são muitos e envolvem questões estruturais, tais como: liderança, cultura, relações com o ambiente em rede, compartilhamento de conhecimento e mensuração de resultados baseadas no acesso e uso da informação para a construção e compartilhamento de conhecimentos. No entanto, a superação de inúmeros desafios deixa bem claro que investir em conhecimentos é construir de forma estruturada, caminhos lapidados de aprendizado, crescimento e desenvolvimento com mais oportunidades e solidez.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E.B. de. **Tecnologia na escola**: criação de redes de conhecimentos. 2008. Disponível em [http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/popups/m1\\_e2\\_pop\\_TecnologiaNaEscola.html](http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/popups/m1_e2_pop_TecnologiaNaEscola.html). Acesso em: 20 set.2014.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Information literacy competency standards for higher education**. Chicago, 2000. Disponível em: <http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/standards.pdf>. Acesso em: 22 set.2014.

AUSTRALIAN AND NEW ZEALAND INSTITUTE FOR INFORMATION LITERACY (ANZIL). **Australian and New Zealand Information Literacy Framework**: principles, standards and practice. 2.ed. Adelaide : ANZIL, 2004.

ASSMANN, H. A Metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BARRETO, A. de A. A informação em seus momentos de passagem. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/ago01/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/ago01/Art_01.htm). Acesso em: 10 set.2014.

BAWDEN, D. Revisión de los conceptos de alfabetización informacional y alfabetización digital. **Anales de documentación**, v. 5, 2002.

BELLUZZO, R. C. B. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, p. 27-42, 2005.

\_\_\_\_\_. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2. ed. Bauru: Cá Entre Nós, 2007.

BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. **Competência em informação, redes de conhecimento e inovação**. Marília: PPGCI UNESP, 2013. (Material Didático - Slide).

BENKLER, Y. **The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom**. New Haven: Yale University Press, 2006.

BROWN, J.S.; DUGUID, P. **Uma vida da informação social**. Boston: Harvard Business School Press, 2000.

BRUCE, C. S. Lãs siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. **Annales de Documentación**, n. 6, p. 289-294, 2003.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **The internet galaxy**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v. 1

CASTELLS, M.; HIMANEN, P. **The Finnish model of the information society**. Helsinki: Sitra, 2001.

CLARK, H. **Formal knowledge networks: a study of canadian experience**. Winnipeg: International Institute for Sustainable Development, 1998.

CREECH, H.; WILLARD, T. **Strategic intentions: managing knowledge networks for sustainable development**. Winnipeg: International Institute for Sustainable Development, 2001.

CROSS, R.; THOMAS, R. J. **Redes sociais: como empresários e executivos de vanguarda as utilizam**. São Paulo: Gente, 2009.

DÉLORS, J. **Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez: UNESCO: MEC, 1997.

DELUIZ, N. A globalização econômica e os desafios à formação profissional. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 15-21, maio/ago. 1996.

DUDZIAK, E. A. **A Information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. Dissertação. 173f. (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p.23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/123/104>. Acesso em: 25 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008.

EISENBERG, M. B.; LOWE, C. A.; SPITZER, K. L. **Information literacy**: essential skills for the information age. 2. ed. Westport: Libraries Unlimited, 2004.

FAGUNDES, L. C.; SATO, L. S.; MAÇADA, D. L. Aprendizizes do futuro: as inovações começaram. In: **Cadernos Informática para a Mudança em Educação**. MEC/ SEED/ ProInfo, 1999. Disponível em: <http://www.proinfo.mec.gov.br> Acesso em: 20 ago. 2014.

FRÓES BURNHAM, T. **Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem**: implicações ético-políticas no limiar do século. 1999. Disponível em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/biblioteca/Teresinha%20Froes.pdf> . Acesso em: 20 ago.2014.

GADOTTI, M. **Informação, conhecimento e sociedade em rede**: que potencialidades? Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Moacir.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

GASQUE, K. C.G.D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010.

HATSCHBACH, M. H. de L. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. Rio de Janeiro, 2002. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - UFRJ/ECO-MCT/IBICT, Rio de Janeiro, 2002.

HIMANEN, P., CASTELLS, M. **The information society and the welfare state**: the finish model. Oxford: Oxford University Press, 2001.

HORTON JÚNIOR, F. W. **Overview of Information Literacy Resources**. UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. 2013. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/news/overview\\_info\\_lit\\_resources.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/news/overview_info_lit_resources.pdf). Acesso em: 20 set. 2014.

JORGENSON, D.; YIP, E. Whatever happened to productivity? Investment and growth in the G-7. In: DEAN, E. R. et al. **New developments in productivity analysis**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

LAU, J. **International guidelines on information literacy**: a draft proposal, feedback is appreciated. IFLA, 2004.

LÉVY, P. **Collaborative learning the digital social medium**. Palestra proferida em 2010 em Riogrande, FURG. Disponível em: <http://tr.im/Ff5M>. Acesso em: 20 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

MONGE, P. R; CONTRACTOR, N. S. **Theories of communication networks**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MORESI, E.A.D. Delineando o valor do sistema de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 14-24, 2000.

MORIN, E. **La mente bien ordenada**: repensar la reforma, reformar el pensamiento. Barcelona: Seix Barral, 2001.

POZO, J. I. **Adquisición de conocimiento**: cuando la carne se hace verbo. Madrid: Morata, 2003.

POZO, J. I.; POSTIGO, Y. **Los procedimientos como contenidos escolares**: uso estratégico de la información. Barcelona: Edebé, 2000.

SICHEL, D. **The computer revolution**: an economic perspective. Washington: The Brookings Institution, 1997.

SUNDIN, O. **From the periphery to the centre**: some aspects regarding the future of information literacy research. Position paper for the Social Media and Information Practices workshop: State of the art and future challenges for information literacy research, University of Borås, Sweden 10-11 November 2011. Disponível em: <http://www.webcitation.org/6INvJQxZN>. Acesso em: 22 set.2014.

SVEIBY, K. E. **A nova riqueza das organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VARGAS, F.; CASANOVA, F.; MONTANARO, L. **El enfoque de competencia laboral**: manual de formación. Montevideo: Cinterfor, 2001.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n.1, p.1-12, 2011.

---

Artigo recebido em 22/08/2014 e aceito para publicação em 30/09/2014

---